

Cultura

Palestina em foco no regresso do FalaDura

Mariana Duarte

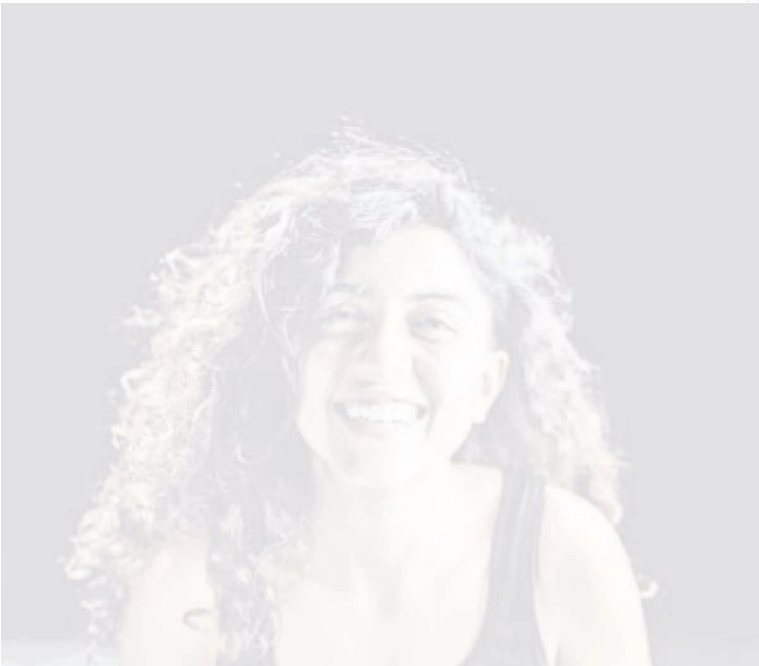
As poetas Asmaa Azaizeh e Farah Chamma encabeçam o festival de *spoken word*, que após 19 anos de hiato se instala no Porto e em Braga

Uma nova geração de poetas palestínianas, um espectáculo inédito de Capicua, uma banda de rock e *spoken word*, 14 jovens *rappers* portuenses juntos em palco, e a poesia a entrar, de surpresa, em cafés. Estes são alguns destaques do FalaDura – Festival Internacional de Palavra Dita, que entre hoje e domingo ocupa o Theatro Circo, em Braga, e o Coliseu do Porto, após um pré-arranque no sábado com um *workshop* orientado por Ana Deus e Regina Guimarães.

Esta quarta edição, organizada pela Apuro – Associação Cultural e Filantrópica, marca o regresso do festival criado em 1999 por Carla Miranda e David Pontes (actualmente director adjunto do PÚBLICO), após um hiato de 19 anos. Considerado um dos primeiros eventos em Portugal dedicados à *spoken word*, o FalaDura levou no passado ao Teatro Carlos Alberto, no Porto, nomes como Lydia Lunch, Last Poets, Michael Gira (dos Swans), Karen Finley ou Eric Bogosian. Agora

com uma direcção e uma equipa novas, resgata os “princípios-base” que estiveram na sua origem, com algumas novidades. “Continuamos a ter um país-foco, neste caso a Palestina, um lado urbano, agora com a introdução de Braga, que acaba por ser o epicentro do festival, e um pendor activista, com o objectivo de agitar consciências”, resume Rui Spranger, actor, encenador e tradutor com um longo currículo ligado à poesia e à *spoken word* (foi o ideólogo das míticas noites do Pinguim, no Porto).

Através da escolha da Palestina como país convidado, o FalaDura procura alertar para o conflito israelo-palestiniano e para o regime imposto pelo Estado de Israel à população palestiniana, que muitas organizações internacionais consideram configurar um verdadeiro *apartheid*, mas também mostrar uma nova geração de poetas mulheres do mundo árabe, “região onde os direitos das mulheres são ausentes ou próximos disso”, diz Rui Spranger. No festival vão estar Asmaa Azaizeh e Farah Chamma. A primeira, que actua no sábado em Braga, é poeta, *performer* e jornalista, autora de cinco colecções de poesia, entre elas a premiada *Liwa*, *As The Woman from Lod Bore Me* e *Don't Believe Me If I Talk To You of War*, em que aborda temas como a guerra, a



Farah Chamma representa uma geração sub-30 de poetas árabes

morte e a família. Foi a primeira directora do Museu Mahmoud Darwish, em Ramallah, e integra o projecto Shae'rat, que divulga escritoras árabes através de apresentações ao vivo por todo o mundo.

Já Farah Chamma, 28 anos, representa uma geração sub-30 de poetas árabes que, segundo a própria, apos-

ta numa poesia menos canónica e clássica, ancorada na palavra dita, cantada ou improvisada e com uma forte vertente politizada e identitária. “Fiquei absolutamente maravilhado com o trabalho dela, porque diz e escreve em seis línguas, incluindo o português”, diz Rui Spranger. No Coliseu do Porto, hoje, e no Theatro Cir-

co, amanhã, Farah Chamma apresenta-se ao lado do produtor musical brasileiro LIEV, com o qual compõe o duo de poesia e música electrónica chamaeleon. No FalaDura estreiam o primeiro EP, *uncanny valley* (vol. I).

Outros cabeças de cartaz do festival são os Listener (Theatro Circo, sábado), banda americana de indie rock e emo ancorada na *spoken word*, cujo líder, Dan Smith, se apresenta a solo hoje no Coliseu do Porto. Rui Spranger destaca também a vinda de Levi The Poet, escritor e artista americano de *spoken word* com influências da música hardcore e do hip-hop (Theatro Circo, amanhã), e Buddy Wakefield, tricampeão mundial de *slam poetry* que fecha o festival no café-bar Mavy, em Braga.

Pelo FalaDura passam ainda a *rapper* Capicua, com um espectáculo inédito em que explora o silêncio (Theatro Circo, domingo), Ana Deus, que ao longo da sua carreira tem musicado poesia de vários autores/as, e Poeta Invicto, acompanhado por 14 jovens *rappers* “que nunca editaram nada” (ambos no Coliseu do Porto, hoje). Outro factor surpresa será o *Palavras à Solta*, conjunto de breves *performances* a acontecer nas ruas e nos cafés do Porto e de Braga com três jovens poetas: Lucas Noronha, Ismael Calliano e Luís Ferreira.

Museu de arte contemporânea: uma fantasmagoria nacional

Opinião

António Pinto Ribeiro

No recente Festival de História de Arte de Fontainebleau, em que Portugal esteve em foco, teve lugar um debate subordinado ao tema *A Arte Contemporânea procura o seu museu em Portugal*. Um assunto por definição tão doméstico foi programado, sabe-se lá porquê, para ser discutido exclusivamente por intervenientes portugueses. Sobre as razões do mesmo, algum do conteúdo e, principalmente, o muito que ficou por debater, permito-me fazer algumas observações, chamando a atenção para questões que não deveriam ter estado ausentes e para as quais a experiência de conhecedores internacionais da matéria teria sido muito útil.

A primeira de todas diz respeito ao enorme equívoco que identifica

contemporaneidade com actualidade. É sempre muito excitante discutir se a arte contemporânea nasceu no pós-guerra, nos anos 60 nos Estados Unidos ou com a queda do Muro de Berlim, mas a questão é de outra natureza, bem mais complexa e com mais espírito. Nada melhor do que citar Giorgio Agamben no pequeno opúsculo *Che cos'è il contemporaneo?* (2008). Afirma o filósofo: “O contemporâneo é o inactual [...]. A contemporaneidade estabelece uma relação singular com o seu tempo, ao qual adere, mas conservando as distâncias; *ela é de uma forma precisa a relação com o tempo ao qual adere por desfazamento e pelo anacronismo*. [...] Aqueles que coincidem plenamente com a sua época, que à mesma querem adequar-se em todos os pontos, não são contemporâneos, porque, por estas mesmas razões, não a conseguem ver. Não conseguem fixar nela o seu olhar.”

Num tempo em que a função e as missões dos museus estão a ser

discutidas à escala mundial, seria desejável que, ainda antes de se começar a busca do museu de arte contemporânea, se considerassem várias questões: uma colecção não é um museu, nem um conjunto de colecções instaladas num edifício constitui um museu. Um museu é um equipamento, um instrumento de produção de saber, um abrigo e um lugar de estudo, de investigação e de produção de conhecimento. Conta múltiplas histórias e abriga pessoas (museólogos, visitantes, mediadores, cientistas, historiadores) com quem co-produz

Os museus geridos pelo Estado estão na mais inaceitável das condições de sobrevivência

o conhecimento e, muitas vezes, a ludicidade.

Um museu de arte contemporânea não pode ser exclusivamente nacional. Bem pelo contrário, deve ser um arauto da cidadania universal e da mobilidade como qualidade museográfica. Por isso, é, pela sua natureza, um espaço transterritorial, internacional, transepocal. Seja virtual ou físico, tem como destinatário um auditório mundial. Não é uma vitrina para os estrangeiros poderem ver as obras produzidas pelos artistas portugueses actuais. Essa função cabe às galerias, às exposições, às feiras, às mostras de arte; e, por mais paradoxal que pareça, é por isto que os museus devem estar atentos aos testemunhos da produção artística de cada tempo e buscar outras iluminações ancestrais.

Se, depois de se formularem estas questões, ainda se insistir na procura de um museu para a arte contemporânea portuguesa, há que

atender a pequenos detalhes. Não é o Museu do Chiado um museu nacional de arte contemporânea, ou reconhece-se que, na verdade, essa designação nunca passou de uma intenção que permaneceu no limbo? Referimo-nos a um museu privado, ou a um museu do Estado? A haver um modelo, ele seguirá uma lógica mais europeia, norte-americana, chinesa...? E onde estão os recursos financeiros para a sua construção? Num tempo em que o conjunto dos museus geridos pelo Estado está na mais inaceitável das condições de sobrevivência, numa precariedade dolorosa, como seria possível, ainda que resolvidas as questões atrás referidas, encontrar e manter um museu de arte contemporânea para Portugal? Não, não vai ser! Nos próximos anos este assunto não passará de uma fantasmagoria que precisa mesmo de ir ao estrangeiro debater-se para reivindicar o direito à existência.

Investigador e programador cultural